

INTRODUÇÃO

A violência conjugal tem sido tema de inúmeros estudos em todo o mundo, tanto por suas diversas formas de expressão, quanto por suas consequências para a família como um todo. Ao explorar as características da agressão entre casais, constata-se que há múltiplos fatores associados a sua ocorrência (Simpson *et al.*, 2007). Observa-se que sujeitos que experienciam contextos de violência podem levar para seus relacionamentos futuros a tendência de repetição dos padrões vivenciados na família de origem, fixando, em alguma medida, padrões relacionais violentos (Falcke, 2006; Mendlowicz & Figueira, 2007; Paradis *et al.*, 2009). Os estudos identificam que sujeitos com histórico de violência nas suas famílias de origem mostram-se mais propensos a perceber a violência como algo justificável no relacionamento amoroso, crença que torna a situação naturalizada no seio da família (Clarey, Hokoda & Ulloa, 2010; Rey-Anacona, 2011; Temple *et al.*, 2013). Da mesma maneira, estar exposto ao conflito interparental acaba fornecendo um modelo de relação, ao passo que os filhos observam as formas de manejo de raiva e como os pais resolvem seus conflitos (Kinsfogel & Grych, 2004). A partir dessas considerações, o objetivo deste estudo foi avaliar o poder preditivo das experiências da família de origem na violência conjugal e identificar as possíveis associações entre violência conjugal e as experiências na família de origem.

MÉTODO

Realizou-se um estudo quantitativo, com delineamento explicativo e correlacional. Participaram 150 casais casados oficialmente ou em união estável, residentes da Região Metropolitana de Porto Alegre, selecionados por conveniência. A média de idade dos participantes foi de 41,17 anos (dp=12,75) e o tempo de união variou de 1 a 56 anos (m=15,76, dp=12,06). Os instrumentos utilizados foram: a) questionário de dados sociodemográficos; b) Subescalas do Family Background Questionnaire (FBQ) – concebido por Melchert (1998a; 1998b) e traduzido para o português por Falcke (2003); c) Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) – concebido por Strauss *et al.* (1996) e adaptada ao português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002).

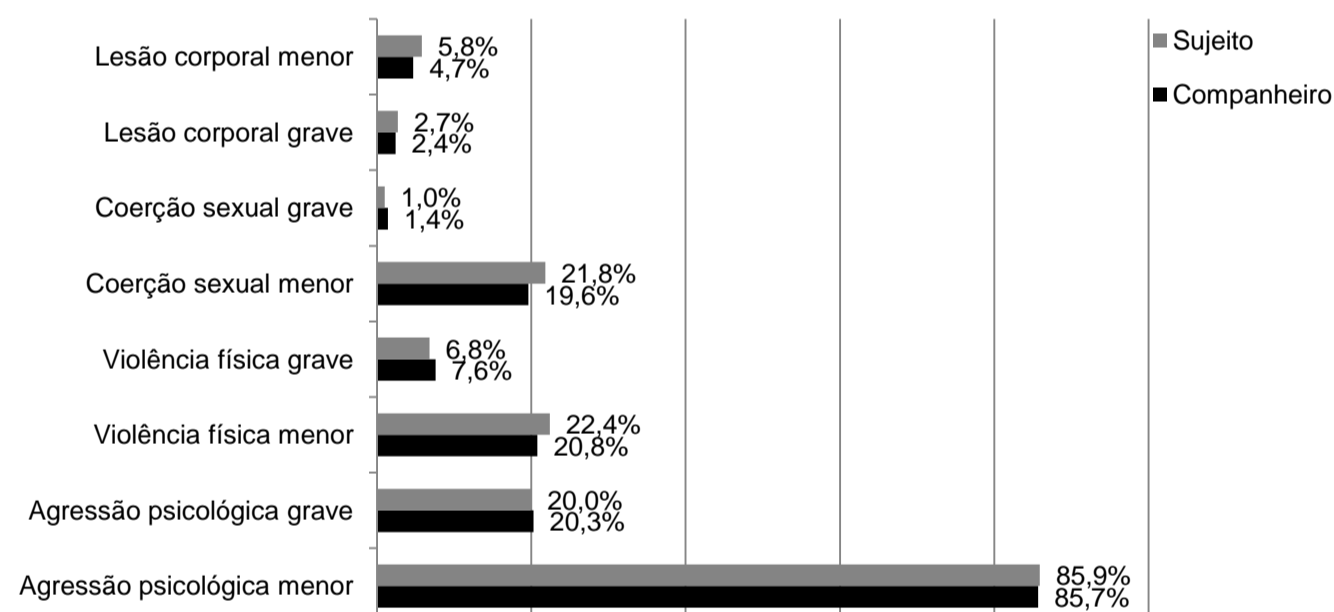
O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNISINOS (Parecer nº 11/129) e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O contato com os casais foi realizado por conveniência. Cada cônjuge recebia um questionário e respondia separadamente aos instrumentos, que, em seguida, eram guardados em um envelope e lacrados, assegurando o sigilo dos dados.

Os dados foram analisados com o programa estatístico SPSS (versão 20.0), através de análises descritivas, Correlação de Pearson e análise de regressão.

RESULTADOS

Os resultados apontaram índices expressivos de violência conjugal, indicados no Gráfico 1.

Gráfico 1: Índices de violência conjugal



Verificou-se que houve correlação significativa entre as experiências de abuso físico paterno e materno, abuso sexual e negligência com a maioria das dimensões de violência conjugal ($p < 0,005$), explicitadas na Tabela 1.

Tabela 1: Correlações entre violência conjugal e experiências na família de origem

	Abuso Físico Paterno	Abuso Físico Materno	Abuso Sexual	Negligência Física	Aliança Parental
Coerção sexual grave (sujeito)	-.147	-.098	.109	-.133	.028
Coerção sexual grave (companheiro)	-.120	-.085	.111	-.112	.016
Coerção sexual menor (sujeito)	-.047	-.030	.125	-.057	-.008
Coerção sexual menor (companheiro)	-.069	-.122	.187	-.122	-.123
Violência física grave (sujeito)	-.190	-.165	.174	-.132	-.148
Violência física grave (companheiro)	-.138	-.116	.176	-.058	-.132
Violência física menor (sujeito)	-.138	-.151	.211	.018	-.134
Violência física menor (companheiro)	-.125	-.128	.240	.005	-.065
Agressão psicológica grave (sujeito)	-.087	-.117	.191	-.076	-.194
Agressão psicológica grave (companheiro)	-.087	-.149	.089	-.107	-.216
Agressão psicológica menor (sujeito)	-.176	-.184	.268	-.105	-.288
Agressão psicológica menor (companheiro)	-.125	-.161	.178	-.070	-.242

** p<0.01 * p<0.05

Além do abuso diretamente infringido aos participantes na infância, também se constatou correlação significativa entre a percepção da violência interparental na família de origem e a agressão no relacionamento íntimo ($p < 0,005$).

Tomando como variável dependente o nível de violência conjugal perpetrada pelo sujeito e como variáveis independentes as dimensões do FBQ e questões sociodemográficas, identificou-se que o modelo de análise de regressão foi significativo e as variáveis preditoras explicam 25% ($r^2=0,25$) da violência conjugal perpetrada pelo sujeito. Dentre as variáveis que mais impactaram estão a vivência de abuso sexual na infância ($p=0,001$), a aliança parental ($p=0,003$), a convivência com ambos os pais biológicos na infância ($p=0,02$) e a renda ($p=0,03$). Em relação ao nível de violência conjugal que o sujeito refere sofrer do companheiro, observou-se que o modelo de regressão também foi significativo e as variáveis preditoras explicam 19,8% ($r^2=0,198$) da vitimização pelo/a companheiro/a. As variáveis com maior impacto foram abuso sexual ($p=0,007$) e aliança parental ($p=0,019$).

DISCUSSÃO

Os dados expostos enfatizam o impacto das experiências na família de origem nos relacionamentos futuros dos sujeitos, corroborando resultados encontrados na literatura (Marasca, Colossi & Falcke, 2013). Vivências de violência, tanto como vítimas ou como expectadores, mostraram-se um fator preditivo para a ocorrência de violência conjugal. De forma semelhante, a qualidade negativa de vínculo da dupla parental na infância parece relacionar-se, em alguma medida, com contextos violentos na conjugalidade adulta.

Considerando a importância da família de origem no comportamento aprendido e perpetuado de geração em geração, a ocorrência de violência mostra-se envolvida na legitimação da agressão como forma de relação. Nessas condições, dar atenção científica ao fenômeno da violência conjugal, favorece o embasamento de intervenções que possam auxiliar as famílias na interrupção do ciclo da violência.

REFERÊNCIAS

- Clarey, A., Hokoda, A., Ulloa, E. C. (2010). Anger control and acceptance of violence as mediators in the relationship between exposure to interparental conflict and dating violence perpetration in Mexican adolescents. *Journal of Family Violence*, 25, 619-625.
- Falcke, D. (2006). Filho de peixe, peixinho é: a importância das experiências na família de origem. *Colóquio*, 3, 83-97.
- Marasca, A. R., Colossi, P. M., Falcke, D. (2013). Violência conjugal e família de origem: uma revisão sistemática da literatura de 2006 a 2011. *Temas psicol.*, 21(1), 221-243.
- Melchert, T. P. (1998a). A review of instruments for assessing family history. *Clinical Psychology Review*, 18, 163-187.
- Melchert, T. P. (1998b). Testing the validity of an instrument for assessing family of origin history. *Journal of Clinical Psychology*, 54, 863-876.
- Mendlowicz, M.; Figueira, I. (2007). Transmissão intergeracional da violência familiar: o papel do estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(1), 88-89.
- Moraes, C. L.; Hasselmann, M. H.; Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)", utilizado para identificar a violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18, 163-175.
- Paradis, A.D.; Reinherz, H.Z.; Giaconia, R.M.; Beardslee, W.R.; Ward, K.; Fitzmaurice, G.M. (2009). Long-term impact of family arguments and physical violence on adult functioning at age 30 years: findings from the simmons longitudinal study. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry* 48(3), 290-8.
- Rey-Anacona, C. A. (2011). Exposición a violencia entre los padres de adolescentes y adultos jóvenes víctimas de alguna conducta de maltrato en el noviazgo. *Diversitas: Perspectivas en Psicología*, 7(2), 253-264.
- Simpson, L., Doss, B., Wheeler, J., Christensen, A. (2007). Relationship violence among couples seeking therapy: common couple violence or battering? *Journal of Marital and Family Therapy*, 33(2), 270-283.
- Temple, J., Shorey, R., Tortolero, S., Wolfe, D. (2013). Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and perpetration of teen dating violence. *Child Abuse & Neglect*, 37, 343-352.



¹ Aluna da graduação do curso de Psicologia da UNISINOS e bolsista de iniciação científica. ✉ aline.marasca@gmail.com

² Doutora em Psicologia e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNISINOS. ✉ dfalcke@unisinis.br